

## Estudos da Língua(gem)

### **A relação semântica entre linguagem verbal e não verbal em tiras, com base na semântica argumentativa<sup>1</sup>**

The semantic relation between verbal and nonverbal language  
in comic strips based on the argumentative semantics

**Telisa Furlanetto GRAEFF\***

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF/BRASIL

**Lauro GOMES\***

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF/BRASIL

#### **RESUMO**

Com base em princípios e conceitos da Teoria Argumentativa da Polifonia, este trabalho propõe-se verificar se a relação de sentido existente entre linguagem verbal e não verbal, no gênero textual tira, é comandada pelo linguístico. Para tanto, construiu-se, a partir dos enunciados de duas tiras, as matrizes de sentido que compreendem o conteúdo argumentativo, a atitude do locutor frente ao conteúdo e a pessoa responsável pelo conteúdo. Verificou-se que o sentido dos quadrinhos que contêm apenas linguagem não verbal está previsto na linguagem

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado na modalidade *comunicação*, no II Seminário de Estudos sobre Discurso e Argumentação (II SEDIAr), promovido pela Faculdade de Letras da UFMG, e possui uma versão publicada nos *Anais* do referido seminário.

\*Sobre os autores ver página 62.

verbal, pela sua relação com os aspectos argumentativos do bloco semântico que a linguagem verbal permite evocar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Enunciação. Linguagem verbal. Linguagem não verbal.

#### ABSTRACT

*Based on principles and concepts especially of the Argumentative Theory of Polyphony, this study aims to verify if the meaning relation between verbal and nonverbal language, in the comic strip textual genre, is controlled by the linguistic. For that, there has been built up, in two comic strips, the matrix of sense of the utterances which comprises the argumentative content, the speaker's attitude about the content and the person who is responsible for the content. It could be verified that the meaning of the comic strips that contain only nonverbal language is foreseen in the verbal language, by its relation with the argumentative aspects of the semantic block which the verbal language allows to evoke.*

**KEYWORDS:** *Argumentation. Enunciation. Verbal language. Nonverbal language.*

## 1 Introdução

Este trabalho ampara-se em fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Ducrot e Anscombe em 1983, especialmente em princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), postulada por Marion Carel (1995), e da Teoria Argumentativa da Polifonia – TAP (CAREL; DUCROT, 2010; CAREL, 2010), fase atual da ADL, para verificar, no gênero tira, se a compreensão de quadrinhos que apresentam apenas linguagem não verbal é garantida pela própria linguagem verbal, posto que, dentro do quadro teórico da ADL, defende-se que a argumentação está na língua e que é a própria linguagem verbal que aponta o que se deve buscar fora dela, no mundo, na enunciação.

Para a realização deste estudo, tomaram-se como *corpus* de análise duas tiras de Sampaio (SAMPAIO, 1990, p. 3-5) que apresentam

quadrinhos com linguagem verbal e não verbal e outros contendo apenas linguagem não verbal. Vale destacar que a escolha do *corpus* decorre de o gênero textual tira ser *multimodal*, o que permite o exame da linguagem verbal a partir de sua relação com a linguagem não verbal. Conforme afirma Dionísio (2011, p. 150), *multimodalidade* ou *multimídia* são modos de representação verbal e pictorial da informação, que se complementam de tal forma que a ausência de um deles, muitas vezes, pode afetar a unidade semântica global do texto. Pretende-se, neste trabalho, verificar, também, como se compõe a unidade semântica global do texto, com base na semântica argumentativa.

No seu desenvolvimento, são explicitados conceitos e princípios fundamentais no quadro teórico da TBS e da TAP. Em seguida, realiza-se a análise das tiras com base nesses princípios e conceitos. Por fim, são apresentadas as conclusões sobre a relação entre linguagem verbal e não verbal e seu papel na organização semântica do texto, no estabelecimento de sua coerência.

## **2 Princípios e conceitos da forma *Standard* da ADL**

Opor-se às concepções tradicionais de sentido e de argumentação é um dos princípios que funda a Teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, em 1983. Para que seja possível compreender a tese da teoria, de que a argumentação está na língua, são explicitados alguns princípios e conceitos da sua primeira fase, acrescidos, na sequência do trabalho, de conhecimentos da TBS e da TAP, fases atuais da ADL.

Faz-se importante destacar, de início, que a ADL toma os conceitos de *língua*, *fala* e *relação* da teoria saussuriana e os articula a uma concepção enunciativa. Conforme propôs Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1973), os signos definem-se uns em relação aos outros, sendo o sentido, na ADL, explicado pela *relação sintagmática* entre entidades linguísticas.

Ao fazer a descrição semântica do enunciado, a ADL postula que o objeto teórico *língua* não pode ser construído, sem que seja feita

alusão à atividade da *fala*. Na chamada forma *Standard* da ADL, Ducrot (1990) afirma que, no sentido de um enunciado, segundo a concepção tradicional, geralmente se distinguem três tipos de indicações: as objetivas, as subjetivas e as intersubjetivas.

Rejeitando a existência de um aspecto objetivo, Ducrot (1990) unifica os aspectos subjetivo e intersubjetivo no que chamou de *valor argumentativo*, entendido como o nível fundamental da descrição semântica. O valor argumentativo de uma palavra é definido pela orientação que a própria palavra dá ao discurso. Em discursos como (1) *Pedro tem trabalhado suficientemente, vai ter êxito* e (2) *Pedro tem trabalhado suficientemente, merece descansar*, o referido autor (1990, p. 73) afirma que a expressão *trabalhou suficientemente* não quer dizer a mesma coisa nos dois casos, insistindo na ideia de que a conclusão não se explica somente a partir do fato expresso pelo segmento A, mas através da forma linguística de A, o que esclarece a tese da ADL de que a argumentação está na língua.

Nessa direção, em exemplos como *Pedro trabalhou pouco* e *Pedro trabalhou um pouco*, é possível verificar que, apesar de as expressões *pouco* e *um pouco* possuírem o mesmo conteúdo descritivo-informacional, isto é, expressarem um pequeno período de tempo, argumentativamente elas conduzem a conclusões contrárias. Assim, se, de *Pedro trabalhou um pouco*, pode-se concluir *vai entregar o trabalho no prazo*; de *Pedro trabalhou pouco*, vai-se concluir o contrário: *Pedro trabalhou pouco, portanto não vai entregar o trabalho no prazo*.

Note-se que também se poderia encadear a *Pedro trabalhou um pouco* o segmento *portanto está melhor de saúde*. O fato de não se ter como saber que continuação seria escolhida levou Ducrot e Anscombe a modificarem o conceito de argumentatividade entendido, nesse momento da teoria, como o conjunto de conclusões possíveis, acrescentando o conceito de *topos*, princípio comum argumentativo que garantiria a passagem de um argumento a uma conclusão. Essa noção é desenvolvida na forma *Standard Ampliada* da ADL, juntamente com o conceito de polifonia apresentado na Teoria Polifônica da Enunciação (DUCROT, 1987), em que é defendida a tese de que, num mesmo enunciado, estão presentes

vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes, como o de *sujeito empírico*, de *locutor* e de *enunciador*. Do sujeito empírico a teoria não trata; entende por locutor a pessoa a quem se pode atribuir a responsabilidade da enunciação no próprio enunciado; e, por enunciador, compreende as origens dos pontos de vista que se apresentam no enunciado, com as quais o locutor pode se identificar. Vale adiantar que essa noção de enunciador será suprimida na Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP) de que se tratará na sequência deste trabalho.

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Carel em 1995, rejeita completamente a noção de passagem de um argumento a uma conclusão.

### 3 Princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos

A TBS, entendida como uma terceira fase da ADL, mantém a tese de que a argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido. Cumpre destacar, aqui, que a fórmula que Carel e Ducrot (2005) constroem para o encadeamento argumentativo é X CONECTOR Y e, juntamente com isso, afirmam haver apenas dois tipos de encadeamentos: os *normativos*, marcados por palavras do tipo *donc* (portanto), abreviadas como DC, e os encadeamentos transgressivos, assinalados por palavras do tipo *pourtant* (mesmo assim), as quais são abreviadas como PT. Note-se, para exemplificar, que um encadeamento como *Pedro tem fumado demais, portanto deve estar doente*, é normativo, pois vê a regra segundo a qual *quem fuma adoece*. Já um encadeamento como *Pedro tem fumado demais, mesmo assim não deve estar doente* é transgressivo, pois, apesar de reconhecer a regra de acordo com a qual quem fuma adoece, desobedece-a. Vale frisar, nesse sentido, que o encadeamento argumentativo cria uma interdependência semântica entre dois predicados unidos por DC ou por PT, a qual imprime aos enunciados relações discursivas de base semântica profunda, isto é, o bloco semântico<sup>2</sup>, de onde se origina o sentido do enunciado.

<sup>2</sup> Conforme Carel e Ducrot (2005, p. 22-23), um bloco semântico possui quatro aspectos argumentativos: (1) A DC B, (2) Neg-A DC Neg-B, (3) A PT Neg-B e (4) Neg-A PT B, aos quais pertencem os encadeamentos argumentativos. Em cada encadeamento, cria-se uma interdependência semântica entre A e B; e os quatro aspectos restantes formam outro bloco, que é contrário ao primeiro.

A noção de argumentação apresentada por Carel e Ducrot (2005) distancia-se, assim, daquela de inferência da concepção tradicional, visto que, nesta última, era necessário que houvesse uma passagem de um argumento para uma conclusão, em que o argumento deveria transmitir uma veracidade sobre a conclusão. Para a autora, não há nenhum progresso informativo num encadeamento argumentativo, ao contrário, por meio da interdependência semântica criada entre dois predicados, sob um ângulo normativo ou transgressivo, um único ponto de vista é desenvolvido.

Ducrot (2009, p. 20) destaca que a TBS toma a palavra *argumentação* num sentido não habitual que leva a muitos mal-entendidos. Por isso, à argumentação ligada ao seu nome e ao de seus seguidores, convencionou chamar de *argumentação linguística* e à argumentação associada à *Retórica* de Aristóteles, a partir da qual surgem os mal-entendidos, convencionou chamar de *argumentação retórica*. Esta última é, no entendimento do semanticista, uma atividade verbal que visa a fazer alguém crer em alguma coisa e que somente leva alguém a fazer se este é apoiado sobre um fazer crer. Por outro lado, a *argumentação linguística* é entendida como os segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donec* (portanto). Ele explica não haver usado, para fazer o referido esclarecimento, o conector transgressivo, já que, ao fazê-lo, seu objetivo era comparar a *argumentação linguística* com a *argumentação retórica*.

Para exemplificar o conceito de bloco semântico, Carel e Ducrot (2005) elucidam que há dois tipos de tempo: um que cria as coisas e mostra sua presença, chamado de *tempo-que-traz*, e o outro, o tempo que destrói as coisas e as faz desaparecer, chamado de *tempo-que-leva*. Exemplificam com enunciados como (1) *É tarde, portanto Pedro deve estar em seu escritório* e (1') *É tarde, mesmo assim Pedro não deve estar em seu escritório* as expressões *tarde* e *estar em seu escritório* as quais têm o mesmo sentido, visto que (1) e (1') pertencem a dois aspectos do mesmo bloco semântico, sob a mesma forma positiva (quanto mais o tempo passa, mais as coisas acontecem). Nesse caso, trata-se do *tempo-que-traz-os-acontecimentos*, em

que A (tarde) é favorável a B (estar no escritório), isto é, o *tempo-que-traz* é favorável à presença das coisas.

Por outro lado, enunciados como (2) *É tarde, portanto Pedro não deve estar em seu escritório* e (2') *É tarde, mesmo assim Pedro deve estar em seu escritório* evocam aspectos argumentativos que fazem parte de um bloco semântico que é contrário àquele a que pertencem os encadeamentos referidos anteriormente. Trata-se, nesse caso, de um tempo que destrói e que, portanto, é desfavorável à presença das coisas. Esse é, notadamente, o bloco do *tempo-que-leva-os-acontecimentos*, em que A (tarde) é desfavorável a B (estar no escritório).

Nessa fase, Carel e Ducrot (2005) também explicitam os conceitos de argumentação interna (AI) e de argumentação externa (AE). Entendem por AI de uma entidade linguística *e* um certo número de aspectos argumentativos aos quais pertencem os encadeamentos que parafraseiam a entidade. Por exemplo, a AI de *inteligente é difícil* PT (= *mesmo assim*) *compreende* e a AI de *prudente é perigo* DC (= *portanto*) *precaução*. Já, a AE de uma entidade linguística *e* está constituída pelos encadeamentos que vão a *e* ou que vêm de *e*, podendo tanto ser à direita como à esquerda. Note-se que se encontram, formando parte da AE de *prudente*, por exemplo, os encadeamentos *Pedro é prudente, portanto não provocará acidentes* (AE à direita) e *Tem medo, portanto é prudente* (AE à esquerda).

Na próxima seção, apresentam-se noções da Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), haja vista que ela dispõe de ferramentas produtivas para a análise do *corpus* examinado neste trabalho.

#### 4 Noções da Teoria Argumentativa da Polifonia

A Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), desenvolvida atualmente por Marion Carel e Oswald Ducrot, modifica a Teoria da Polifonia e agrega conhecimentos da Teoria dos Blocos Semânticos. Segundo Carel (2011, p. 32), a tarefa da TAP consiste em “descrever os tipos de apresentação de um conteúdo – e propõe ver nos enunciadores, não as fontes dos conteúdos, mas seres míticos em número restrito”.

Ao conceber o conteúdo como argumentativo, a TAP admite que qualquer enunciado possui um autor, responsável pela introdução de diversos conteúdos. Carel (2010) afirma ser esse autor um locutor, que é distinto do sujeito falante. E, segundo a autora, os conteúdos dos enunciados podem ser introduzidos de diversas maneiras: essas *maneiras de dizer* do locutor são descritas pelos dois parâmetros: a) *atitude do locutor* – que é puramente discursiva e que indica o papel que o conteúdo terá no discurso – e b) *Pessoa*, entendida como um ser do discurso, que não alude a indivíduos, mas que permite caracterizar *maneiras de dizer* do locutor, sendo, portanto, uma indicação da garantia de validade do conteúdo.

Nessa direção, é importante destacar que, entre as vozes que o locutor pode tomar, estão: (1) a do *locutor (L)*, que, segundo Carel (2011, p. 33), “permite ao locutor tomar um tom engajado e define o que eu chamo de modo concebido: o conteúdo aparece como concebido pelo locutor no próprio momento da enunciação”; (2) a do *interlocutor (IU)*; (3) a da *opinião pública ON (SE)*, por meio da qual, como nota Carel (2011, p. 35), “[...] o locutor de um pressuposto falaria através de uma coletividade à qual ele próprio pertenceria [...]”; (4) a do *MUNDO*, que, conforme Carel (2011, p. 33), “[...] permite ao locutor tomar um tom factual e que aparece no que eu chamo o modo enunciativo encontrado: o conteúdo aparece como achado, encontrado, pelo locutor [...]”. Essa é, portanto, uma voz dos fatos, da História, em que nenhuma subjetividade do locutor possui papel em sua concepção; e (5) a voz do *Ausente*, que, segundo Carel (2011, p. 33), “[...] permite ao locutor se descomprometer em benefício de outra subjetividade: os conteúdos aparecem então como aceitos pelo locutor [...]”. Assim sendo, essa é a voz do *IL* (ele) de enunciados como *Parece que vai fazer bom tempo*.

Essa atual teoria polifônica trata de descrever os elementos da significação como tripés, em cada um dos quais se encontram, conforme Carel e Ducrot (2010, p. 13), os três elementos seguintes: “uma atitude do locutor do enunciado”, “um conteúdo”, que é argumentativo; e uma Pessoa, a qual garante o conteúdo.



Vale destacar que o locutor pode tomar três atitudes frente ao conteúdo: a de *pôr*, a de *concordar* e a de *excluir*. Além disso, Carel (2011) afirma haver três modos enunciativos: o encontrado (*trouvé*), o concebido (*conçu*) e o recebido (*reçu*), os quais podem ser associados, respectivamente, à voz do *Mundo*, à do *Locutor* e à do *Ausente*. Saliente-se, por último, que a TAP se interessa pela responsabilidade do locutor, dissociando o modo de utilização do conteúdo no texto (posto, acordado e excluído) do modo de aparição desse conteúdo (encontrado, recebido e concebido).

## 5 Análise argumentativa e polifônica dos textos

A seguir, à luz de princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL, 1995) e, em especial, da Teoria Argumentativa da Polifonia (CAREL; DUCROT, 2010; CAREL, 2010), analisam-se dois textos do gênero tira, de Sampaulo (SAMPAIO, 1990, p. 3-5). Para isso, de cada quadrinho foi identificado, primeiramente, o encadeamento argumentativo que as relações linguístico-discursivas permitem evocar. Em seguida, explicitou-se o aspecto do bloco semântico nele expresso.

Verificou-se, posteriormente, a atitude do locutor frente aos conteúdos argumentativos e o modo de aparição do conteúdo, cada um representado pela Pessoa que o garante. A análise desses três aspectos permitiu examinar se a relação semântica entre a linguagem verbal e os quadrinhos, que contém apenas linguagem não verbal, é comandada pelo linguístico.

### **Texto 1** (cf. anexo I)

**1º quadrinho:** *Não desespere! O Dr. Kilder está vindo para cá e irá salvar o tio Bill, Mary!*

Desse quadrinho pode-se evocar o encadeamento argumentativo normativo [*vir o médico, portanto salvar o Tio Bill*], sendo que o aspecto argumentativo nele expresso pode ser representado por PRESENÇA DE MÉDICO DC PRESERVAÇÃO DA VIDA, entendido como uma argumentação externa à direta de *presença de médico*.

Note-se que o conteúdo é posto pelo locutor e garantido pelo Mundo.

**2º quadrinho:** *Viva! Chegou o Dr. Kilder! Tio Bill está salvo!*

Pode-se evocar, desse segundo quadrinho, o encadeamento argumentativo normativo [*chegar o médico, portanto Tio Bill estar salvo*], ao qual é possível associar o mesmo aspecto argumentativo do quadrinho anterior, PRESENÇA DE MÉDICO DC PRESERVAÇÃO DA VIDA, garantido pela Pessoa Mundo.

**3º quadrinho**

Este é um quadrinho construído apenas por imagens. Nele, as personagens aparecem dentro da casa. Nesse caso, cumpre tomar a noção do *tempo-que-leva*, apresentada por (CAREL; DUCROT, 2005), visto que, aqui, tem-se o sentido de que, [*quanto mais passava o tempo, mais salvo estava o tio*], o que permite dizer que, a partir do momento em que o médico chegou, o tempo passou a ser o responsável por levar o problema, a doença do tio, cuja crença é destruída no 4º quadrinho do texto.

**4º quadrinho**

O quarto quadrinho também apresenta apenas imagens. Pode-se evocar dele, no entanto, o encadeamento argumentativo transgressivo [*chegar o médico, mesmo assim o Tio Bill não ser salvo*], ao qual se pode associar o aspecto argumentativo transgressivo PRESENÇA DE MÉDICO PT NEG-PRESERVAÇÃO DA VIDA, outra argumentação externa à direita possível da expressão *presença de médico*. Destaque-se que, nesse caso, o conteúdo é, também, posto pelo locutor e garantido pelo Mundo. Note-se que o encadeamento evocado nesse quadrinho é converso dos encadeamentos evocados nos quadrinhos 1 e 2. Em função disso, observe-se, a seguir, o bloco semântico em que estão inseridas as unidades semânticas básicas<sup>3</sup> do texto e que relaciona *presença de médico* a *preservação da vida*:

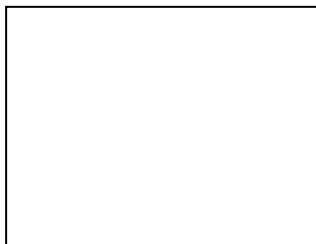
<sup>3</sup> Unidades semânticas básicas são os encadeamentos argumentativos em DC (= portanto) ou em PT (= mesmo assim) que resumem o texto.

(1) presença de médico  
DC preservação da vida

(2) Neg-presença de  
médico DC Neg-  
preservação da vida

(3) Neg-presença de  
médico PT preservação  
da vida

(4) presença de médico  
PT Neg-preservação  
da vida



Com isso, pode-se verificar que o sentido do 4º quadrinho, que contém unicamente linguagem não verbal, está amparado no linguístico. Não surpreende, pois, o fato de todos os personagens saírem da casa carregando o tio Bill morto, visto que esse sentido já existia virtualmente nos primeiros dois quadrinhos do texto. Eis que, linguisticamente, a chegada do médico não era garantia da salvação do tio.

Aprecie-se, a seguir, a análise da segunda *tira*, cujos dois últimos quadrinhos também apresentam apenas linguagem não verbal.

## **Texto 2** (cf. anexo II)

**1º quadrinho:** *Muita atenção, Mary! Estamos na região dos perigosos zulumbas!*

Pode-se evocar, desse quadrinho, o encadeamento argumentativo [*estar em região perigosa, portanto prestar atenção*], ao qual se pode associar o aspecto argumentativo PERIGO DC PRECAUÇÃO, que constitui a argumentação interna de *prudente*. Vale referir que o conteúdo é posto e garantido pelo locutor.

**2º quadrinho:** *Nesta zona da África todo o cuidado é pouco!*

O conteúdo posto e garantido pelo locutor, no segundo quadrinho, tem a função de reiterar e intensificar o ponto de vista explicitado por meio do conteúdo argumentativo do quadrinho anterior. Intensifica, portanto, a necessidade de ser prudente.

**3º quadrinho:** *Algo se move atrás daquela moita...*

No 3º quadrinho, o conteúdo, posto pelo locutor, permite que se evoque o encadeamento argumentativo [*mover-se algo atrás da moita em região perigosa, portanto ter cuidado*], ao qual se pode associar o mesmo aspecto expresso do encadeamento do 1º quadrinho, PERIGO DC PRECAUÇÃO, argumentação interna de *prudente*.

**4º quadrinho:** *Cuidado, Jim! Abaixar-se!*

Desse quadrinho, pode-se evocar o encadeamento argumentativo [*presença de zulumba, portanto esconder-se*], ao qual se associa o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO, cujo conteúdo é posto e garantido pelo locutor.

### 5º e 6º quadrinhos

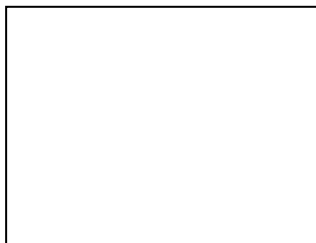
No 5º quadrinho, Jim abaixa-se, a partir do alerta de Mary, ou seja, age com prudência, pois toma precaução em situação de perigo. Apesar disso, pode-se perceber, no 6º quadrinho, que ele foi atingido por uma flecha de um zulumba. Explicitamente, o sentido dos dois últimos quadrinhos está amparado no linguístico, visto que o sentido do encadeamento [*abaixar-se, mesmo assim ser atingido*] é converso ao encadeamento argumentativo normativo que constitui outra argumentação externa à direita de *abaixar-se* – [*abaixar-se, portanto não ser atingido*], à qual se pode associar o aspecto SER PRUDENTE DC NEG-SOFRER ACIDENTE.

Lembre-se que a AE de uma palavra comporta os encadeamentos em DC e em PT que vão até a entidade linguística ou que vêm dela. Por isso, diz-se que a AE tanto pode ser à direita quanto à esquerda. Para melhor compreender, observe-se que o encadeamento argumentativo *Jim é prudente, portanto não sofrerá acidentes* corresponde a uma AE à direita de *prudente*. Como os aspectos de uma AE são sempre um par de normativo e transgressivo, pode-se perceber, ainda, que o aspecto argumentativo transgressivo PRUDENTE PT NEG-SEGURANÇA constitui uma AE à direita de *prudente*, da mesma forma que o aspecto argumentativo normativo PRUDENTE DC SEGURANÇA.

O bloco semântico, que relaciona *ser prudente* e *não sofrer acidente*, contém as ideias centrais do texto em análise. Confira-se:

(1) **ser prudente DC**  
**Neg-sofrer acidente**

(2) **Neg-ser prudente**  
**DC sofrer acidente**



(3) **Neg-ser prudente**  
**PT sofrer acidente**

(4) **ser prudente PT**  
**sofrer acidente**

Pode-se perceber que a relação entre os aspectos argumentativos (1) e (4) é de conversão e são esses os conteúdos postos no texto. Deve-se destacar, aqui, todavia, que, enquanto o conteúdo do aspecto (1) é posto pelo locutor e por ele garantido, no modo concebido, o conteúdo de (4) é posto pelo locutor e garantido pelo IL, no modo do recebido. Frise-se, ainda, que o aspecto (4) pode ser expresso a partir dos dois últimos quadrinhos, cuja linguagem é unicamente não verbal e, com isso, pode-se constatar, mais uma vez, que o sentido presente nesses quadrinhos, assim como ocorre no texto anteriormente analisado, está amparado na linguagem verbal do texto.

## 6 Conclusão

Nas duas tiras analisadas, a continuação do discurso que se pôde dar aos quadrinhos, que contêm apenas linguagem não verbal, ocorreu por meio da argumentação externa. No primeiro texto, foi possível compreender o 4º e último quadrinho, pela explicitação de uma AE à direita da expressão *presença de médico* e, no segundo, pôde-se compreender o 6º e último quadrinho, a partir da explicitação de uma AE à direita de *abaixar-se*.

Note-se, ademais, que o sentido argumentativo global do título do texto, *O filme que não passou*, é transgressivo haja vista que está relacionado ao aspecto PRESENÇA DE MÉDICO PT NEG-PRESERVAÇÃO DA VIDA, na primeira tira, e ao aspecto SER PRUDENTE PT

SOFRER ACIDENTE, na segunda. Os filmes que passaram deveriam ter como sentido argumentativo global, nas duas tiras respectivamente, PRESENÇA DE MÉDICO DC PRESERVAÇÃO DA VIDA e SER PRUDENTE DC NEG-SOFRER ACIDENTE. Conclui-se, ainda, que o sentido de *filme da série* pode se parafraseado pelos encadeamentos [*ocorre de acordo com o enredo padrão, portanto passa*] e [*não ocorre de acordo com o enredo padrão, portanto não passa*], os quais constituem sua argumentação interna. O mote da série *Dr. Kilder*, por exemplo, é de que ele soluciona tudo, até casos aparentemente sem solução.

Pôde-se constatar que as ferramentas postas à disposição pela semântica argumentativa são eficazes para a análise de textos *multimodais*. Pretende-se, em futuras investigações, examinar, em textos multimodais de outros gêneros, a relação semântica existente entre linguagem verbal e não verbal e a coerência global do texto. A hipótese é de que o bloco semântico expresso pelo linguístico é responsável pela coerência do texto, caso em que a coerência seria de ordem argumentativa.

## REFERÊNCIAS

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Atualização da polifonia. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2010.

CAREL, Marion. *Pourtant: argumentation by exception*. **Journal of Pragmatics**, v. 24, p. 167-188, 1995.

CAREL, Marion. Polifonia e argumentação. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 22-36, jan./jun. 2010.

CAREL, Marion. A polifonia linguística. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2011.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. Edição Original: 1984.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação lingüística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.44, n.1, p. 20-25, jan/mar. 2009.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SAMPAIO, Paulo (Pseud. Sampaulo). **Como eu ia dizendo**: coletânea de cartuns e a infância do Sofrenildo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

## Anexos

### Anexo I – Texto 1



### Anexo II – Texto 2



*Recebido em março de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE OS AUTORES**

**Telisa Furlanetto Graeff** é Doutora em Letras – Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2001, com estágio pós-doutoral no *Center de Recherches sur les Arts et le Langage*, da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, sob a orientação da *Maître de conférences* (HDR) à l'EHÉSS, Marion Carel, em 2011. Foi professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora Titular da Universidade de Passo Fundo, onde atua na graduação em Letras e na pós-graduação – mestrado e doutorado em Letras. Tem experiência na área de linguística, com ênfase em teoria e análise linguística e ensino de língua materna.

E-mail: telisagraeff@yahoo.com.br

**Lauro Gomes** é Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo em 2014. Foi professor de língua portuguesa das redes privada e pública estadual de ensino de Passo Fundo. Atualmente, dedica-se à realização de estudos e pesquisas na linha de Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso (CITD), do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em língua portuguesa.

E-mail: lauro.20@bol.com.br